



GT24 - Educação e Arte – Trabalho 675

O ARQUIVO DOS ESTUDOS SURDOS: PROCEDIMENTOS PARA TRANSCRIAR EM (RE)TRADUÇÕES

Luiz Daniel Rodrigues Dinarte - UFRGS

Carolina Comerlato Sperb – IFRS/UFRGS

Resumo

O trabalho visa expor procedimentos de transcrição em meio aos arquivos dos Estudos Surdos. Tomando o conceito de transcrição de Haroldo de Campos (2013), entendemos que a educação se ocupa dos elementos da cultura de forma tradutória. Por isso, perscrutar os textos de um campo teórico de maneira crítica não implica negar suas afirmações e a ele opor uma teoria mais completa, já que, desde o pensamento da diferença, o que se torna mais interessante é a maneira como um pensamento se constrói, quais pressupostos possui e como movimenta o pensamento. O que se soma aos textos dos Estudos Surdos não são novas interpretações sobre os surdos e a língua de sinais, mas procedimentos específicos de retradução e afirmação da diferença pura. É a partir da língua de sinais que os conceitos encontrados são lidos, discutidos, conectados e registrados, sendo o texto desta pesquisa uma re-tradução afetada pelo gesto corporal, pela dimensão gestual-visual do pensamento.

Palavras-chave: Arquivo; Estudos Surdos; Pensamento da Diferença; transcrição.

Introdução

O presente trabalho realiza a metacrítica dos Estudos Surdos sob a perspectiva do pensamento da diferença. Justifica-se a metacrítica não pela necessária tradução intralinguística de conceitos relacionados à surdez, que visaria tornar mais claras e legíveis as referidas pesquisas sob a interpretação do corpo teórico da diferença, mas pela multiplicação possibilitada pelos textos estudados, a partir do qual se podem criar outros textos. A partir do pensamento da diferença, a proposta perscruta traços legíveis dos modos de composição arquivica dos Estudos Surdos. Por isso, ao descrever procedimentos e experimentações ensejadas por este modo de ler e escrever, o presente trabalho busca o vinco entre Estudos Surdos e tradução, a partir da reordenação de pressupostos conceituais daquilo que se institui sobre a língua de sinais e os surdos, nos campos específicos da educação e da tradução e interpretação de língua de sinais.

Concebemos o arquivo como *arkhê*, como originário físico, histórico e ontológico (DERRIDA, 2001), embora seja visível que se prefira inverter os modos de composição disponíveis no campo dos Estudos Surdos através de experimentações de escrita. Por meio de procedimentos que buscam a heterogeneidade, problematizamos o arquivo nomológico, isto é, os modos de comando que ordenam e consignam o que se diz e o que se escreve sobre os surdos e a língua de sinais. A pesquisa consiste, portanto, em leituras e escrituras referentes a campos de saber, acumulações históricas, lutas travadas que se embrenham em outros arquivos e sob outros pressupostos, na direção da constituição de uma superfície comum que se possa legar como marca profunda da surdez e da língua de sinais. Essencialmente fantasiada, essa superfície é móvel e dispõe os signos em uma aparentemente estável conclusão histórica e psicológica dos sujeitos surdos. Tal arquivo ocupa um espaço aberto na esteira de disciplinas acadêmicas e é confirmado no reconhecimento social dos surdos como comunidade linguística e cultural. É a partir do mal-estar gerado por essa marca profunda e supostamente estável que as investigações se movimentam, buscando multiplicar leituras e compor um arquivo que reconheça e envolva a pluralidade. Podemos reconhecer como problema da investigação a multiplicação de leituras dos textos dos Estudos Surdos através de um procedimento tradutório em educação.

Tal multiplicação é a exigência crítica que serve de solo para a investigação, tendo como perspectiva a diferença pura, não relativa, que se justifica exatamente na capacidade pluralizar o que se lê em cada texto. É contra o equilíbrio e a estabilidade que alguns aportes da razão ocidental imputaram a todo um povo, o povo surdo, e suas expressões artísticas e filosóficas, que a pesquisa se posiciona, colocando-se, portanto, do lado da diferença ontológica, que por definição é o que possibilita e movimenta o próprio pensamento (DELEUZE, 2006).

Pelo fato de acreditarmos que uma pesquisa pode se desenvolver e vivificar através daquilo que ela omite e sugere, o exposto nesta leitura se vale do funcionamento subterrâneo da escritura, buscando identificar pontos de convergência e divergência em níveis conceitual e procedimental. Como pesquisa que possui como pano de fundo as possíveis reverberações do pensamento da diferença na Educação de Surdos e na tradução Libras-português, e por compor um conjunto maior de pesquisas dentro de um projeto na linha de pesquisa Filosofia da Diferença e Educação, o que é proposto é uma

escrita propositiva à luz das discussões conceituais empreendidas pelo grupo de pesquisa em que se insere.

Uma pesquisa da diferença em educação

Partindo de uma premissa empírica, vinculada aos textos lidos e escritos, desemboca-se em um questionamento sobre a vida, sobre o espaço criador que a educação reivindica e o arquivo legado pelos Estudos Surdos. Traduz-se de/para a Libras, mas, especificamente, o que é traduzido? Entendemos o fazer-pensar do educador como uma tradução em meio às heranças culturais, linguagens, valores atribuídos aos textos, tendo como relação de forças os centros de gravidade didáticos e curriculares (CORAZZA, 2014). Como invenção recente na cultura humana, nem mesmo as unidades tão consagradas no campo da educação, didática e currículo, puderam estabelecer para si regimes tão sistemáticos que excluíssem as incertezas em cada forma didática e os vazamentos em cada conteúdo curricular. Nisso, entendemos que há que se questionar sobre o que leva os educadores a continuar fazendo o que fazem (CORAZZA, 2016a).

Ao perscrutar os textos e verificar o valor que reivindicam, educadores-e-tradutores poderão visualizar o que é que eles próprios realizam, como se apropriam dos pressupostos disponíveis no campo de estudos em que estão imersos e como inventam seus próprios arquivos. Nisso, esta é uma proposta que envolve escrita e leitura, ou melhor, escritileitura. Os textos, com seus personagens e com seus campos de lutas, antes de serem utilizados reativamente, com a finalidade de negar os produtos de uma teoria linguística ou cultural, pilares dos Estudos Surdos, empreendem uma guerra a partir da aceitação da diferença pura. E o fazem através da escrita, entendendo que escritos funcionam como totalidades não-totalizadas, como agenciamentos, que só remetem a outros agenciamentos (DELEUZE e GUATTARI, 2000). Por isso, nenhum conceito é negado, não diríamos que não exista, por exemplo, uma primazia fonologocêntrica que serve de substrato ao pensamento metafísico (DERRIDA, 1999), ao contrário, procura-se demonstrar que uma ontologia da diferença pura só nos é acessível a partir desse substrato, e que os gestos da língua de sinais irrompem não da destruição da metafísica da voz fenomenológica, mas da rachadura gestual da linguagem, a própria marca da diferença nos textos.

O *exergo* de arquivo (DERRIDA, 2001), as anotações na superfície das evidências seriam, admite-se, um conjunto relativamente previsível do ponto de vista dos Estudos Surdos. Tradutores e intérpretes de língua de sinais, educadores de surdos e professores que ensinam esta língua passam a ser personagens de sua própria investigação, devendo conjurar seus olhares sobre elementos que, segundo o próprio pensamento da diferença, consistem em atividades (de ensino, de tradução/interpretação), estratos históricos (legados, políticas linguísticas) e abordagens (os Estudos Surdos, as políticas educacionais, o senso comum) não absolutos nem imutáveis. Para compreender o valor, em termos nietzschianos, de tais elementos, a partir daquilo que sobe à superfície, a própria diferença, o presente texto busca discorrer sobre a possibilidade de uma nova sintaxe, que faça dessas valorações sistêmicas um aporte para a multiplicação das leituras que irrompe de sua suposta serenidade.

A Diferença Pura expressa em gestos

A partir do exposto, busca-se tramar uma leitura específica dos Estudos Surdos, um modo de ler e escrever utilizando suas matérias. Realiza-se um tipo de leitura que permite acompanhar o movimento criador nos textos, ao mesmo tempo em que se busca observar como estes se relacionam com a própria língua de sinais como língua gestual. Dos Estudos Surdos recolhe-se conceitos, autores, ordens de composição, mas que não servem como disparadores para interpretar a surdez e a língua de sinais a partir do pensamento da diferença. Tais matérias servem como peças a reconectar, inverter, suspender, a partir da noção de transcrição (CAMPOS, 2013), e da ideia de que a “especificidade do ato de (trans)criação em educação ocorre, por excelência, de modo tradutório, em currículo e em didática” (CORAZZA, 2016b, p. 4).

A partir da premissa de que a língua de sinais, que é a língua pela qual passam as ideias expressas no presente estudo, sendo, portanto, retraduzidas para a língua portuguesa, se reinventa no percurso de leitura-e-escrita, afirma-se que os educadores-e-tradutores devem realocar os signos e desenvolvê-los de uma maneira diversa da língua portuguesa. A língua de sinais exige essa trans(criação); como língua minoritária, como língua de modalidade gestual-visual, como modo de significar que não passa pelo regime do signo sonoro, trata-se de um modo de comunicar que exige soluções para as lacunas deixadas pelo histórico de subalternização dos surdos na educação, nas mídias e na sociedade em geral. Nesse sentido, o presente trabalho lida com a leitura, exposição e

problematização de conceitos, mas tem como pressuposto um intenso trabalho de (re)tradução, uma vez que é no âmbito da língua de sinais que os autores estudam, refletem e discutem suas pesquisas. Tanto no decorrer do curso de doutorado, nas disciplinas cursadas, como nas demais atividades do grupo de pesquisa em que estão inseridos, tenciona-se sempre a necessidade de tradução intra/interlinguística, assim como a modalidade gestual-visual da língua de sinais evidencia a necessária tradução intersemiótica (JAKOBSON, 2007).

Os próprios conceitos até aqui elencados, como ferramentas utilizadas na perspectiva da diferença, são evidências de que a tradução é uma marca da pesquisa, tanto como suporte teórico como procedimento da própria escrita. Não raro são gravados vídeos para que seja registrado o processo de composição e teorização, seja a discussão de textos, seja criação de textos dos pesquisadores produzidos em língua de sinais, sejam as disciplinas cursadas pelos pesquisadores. A marca gestual-visual das pesquisas também se expressa aqui: a língua de sinais não possui vasto registro literário, científico e artístico. Em razão da exclusão vivenciada pelos surdos e pela consequente recusa da língua de sinais como um sistema linguístico capaz de expressar ideias da mesma maneira que as línguas orais (QUADROS, 2003), não há grandes bibliotecas com registros em língua de sinais. Some-se a isso o fato de que a tecnologia de gravação da imagem em movimento é recurso recente.

Como exemplo do nosso procedimento de pesquisa no que tange ao pensamento e criação em língua de sinais, trazemos a descrição de dois exemplos de sinais estudados por nós. Primeiramente, o sinal convencionado na Libras para ARTE. Trata-se de um sinal amplamente conhecido e aceito pelos usuários da Libras. É composto de dois movimentos com ambas as mãos, dando um sentido próximo ao de “manusear algo”, ou “dar forma a algo com ambas as mãos”, que se assemelha ao ato de trabalhar sobre um material como o barro, ou algum tipo de massa, quando da confecção de uma escultura. O manuseio sugerido no sinal dá destaque à atividade manual, ao trabalho sobre o que será futuramente um objeto, sobre uma matéria que deve ganhar uma forma. Este sinal, como vocábulo que guarda relação icônica com a arte, acaba por restringir as atividades possíveis dentro daquilo que se entende por atividade artística. Para nós, desde o pensamento da diferença, as restrições são ainda maiores.

A partir de nossos estudos, discussões e leituras, criamos um sinal para ARTE que demonstra uma tentativa de ampliar o leque semântico, generalizando a concepção de

ARTE afim de incluir outros tipos de expressão artística, assim como procurando dar destaque não à atividade manual, mas ao caráter mais abstrato daquilo que a arte realiza em termos de pensamento. O movimento manual é de captura, com uma das mãos se fechando, seguido de um “lançar”, como um lançar de dados. Tal movimento de captura e lançamento é realizado na altura do tórax enquanto o outro braço fica parado, flexionado, horizontalmente e paralelamente ao tórax. A mão captura as matérias pelo lado de baixo do braço e realiza o movimento de lançamento na parte de cima, sobre o antebraço, que serve como apoio para a segunda parte da sinalização. Este sinal surgiu de uma discussão acerca da concepção de Deleuze e Guattari (1992) sobre a arte como uma das caóides operadas pelo pensar. Para Deleuze e Guattari (1992), pensar é um exercício violento de desencontro entre as faculdades, nisso, aquele que pensa coloca as faculdades em um desacordo que, através da heterogeneidade da experiência, se expressa em um acordo que acompanha o movimento do caos, das matérias em devir. É por isso que o sinal criado para ARTE, antes de pretender inventar um significante estável, faz uma espécie de imagem que busca acompanhar o pensamento deleuziano. Em um tipo de paralelismo criador, há a necessidade de que a própria língua de sinais seja afetada por esta perspectiva teórica. Nesse sentido, podemos atribuir o recolhimento com a mão, em movimento de captura, ao recolhimento de matérias caóticas sob o crivo da arte, como conjunto de sensações que ultrapassam o material, o objeto percebido e a própria extensão do sensível em relação ao artista. Isto pode ser depreendido do fato de haver um braço de apoio, parado em frete ao corpo, que aparta o campo de visão (de consciência) do sinalizador, e de que a mão que recolhe as matérias está com a palma voltada para baixo, o que, somado ao olhar neutro (isto é, o sinalizador não olha, não acompanha a produção do sinal).

A partir da criação deste sinal, pode-se conceituar melhor a marca tradutória da pesquisa. Ao traduzir os textos, com pressupostos conceituais que carregam, com os modos de arquivar o que se diz e se vê em relação aos surdos e à língua de sinais, os pesquisadores encontram nós da linguagem que são utilizados em proveito da criação, compondo com os textos e abrindo suas interpretações ao passo dos movimentos proporcionados pelo pensamento da diferença. A seguir, são expostos o campo conceitual do pensamento da diferença em que se insere a presente pesquisa e o *background* teórico dos Estudos Surdos.

A Diferença e os Estudos Surdos

Os Estudos Surdos consistem em um campo de investigação multifacetado, com raízes na Linguística, na Antropologia, nos estudos sobre cultura e que é fundamentado na ideia da diferença surda em detrimento às concepções clínicas da surdez como deficiência (PERLIN e STROBEL, 2014). A presente investigação consiste na invenção de modos diversos de articular com este campo a partir do pensamento da diferença de viés principalmente deleuziano. Consideramos pensamento da diferença uma gama de textos filosóficos, literários, científicos e artísticos que prefere a descontinuidade à linearidade histórica, a variação à identidade, a invenção aos modelos científicos, enfim, que se volta à imanência da vida e do texto ao invés da transcendência de explicações e previsões sobre a linguagem e a cultura.

Aproximar o pensamento da diferença e os Estudos Surdos é, sem dúvida, uma empresa desafiadora, uma vez que se verifica discrepâncias na abordagem da identidade, do papel da cultura e do estatuto da linguagem em cada um dos campos teóricos. A necessidade crítica de reverter as transcendências daquilo que vem se afirmando como verdade sobre os surdos e sobre a língua de sinais é também uma necessidade de superar a ordem imposta no próprio âmbito da linguagem, sendo assim, nenhum pressuposto é considerado imutável. Há, do ponto de vista do pensamento da diferença, recusa da solidificação e naturalização de um modo específico de ser surdo. Para tanto, as unidades, as identidades, os comandos e os regramentos dos Estudos Surdos são reinventados sob a ótica da diferença.

A partir de conceitos como transcrição (CAMPOS, 2013), biografema (BARTHES, 2005a; COSTA, 2010; OLIVEIRA, 2010), didática-artista (CORAZZA, 2013) e logofonocentrismo (DERRIDA, 1999), lançamos um olhar sobre a língua de sinais e a tradução Libras-português. Percebendo a substancial diferença entre pressupostos teóricos do pensamento da diferença em relação ao que é dito e valorizado nos Estudos Surdos, a pesquisa se justifica a partir das transcrições do próprio pensamento da diferença em língua de sinais assim como a composição de textos que liberem a diferença pura em detrimento à identidade e a diferença relativa.

Além disso, nos deparamos com condições específicas na academia que exigem um olhar cuidadoso sobre o que pode ser apreendido de tais leituras e escrituras e se tornar uma proposta consistente em um debate acadêmico. As condições são: a escassez

de material bibliográfico (registrado em vídeo) em língua de sinais, o que exige tradução e retradução para a língua portuguesa; a ausência de outras pesquisas que tematizem a língua de sinais e a educação de surdos no campo teórico do pensamento da diferença; e, por fim, a necessidade de expor um pensamento produzido em língua de sinais sem poder citá-lo no corpo de um texto escrito. Quanto a esse último impasse, nosso empenho vem sendo no sentido de construir estratégias de mescla entre o texto escrito e o sinalizado, tanto através de *hiperlinks* como através de imagens capazes de compor com a escrita sem o viés representativo ou ilustrativo, no sentido de escrever utilizando imagem e letra.

Assim, aproximar o pensamento da diferença e os Estudos Surdos requer utilizar estratégias visuais sobre o texto. A pesquisa pretende estabelecer, dessa forma, pontos de encontro entre o que se afirma sobre a surdez e as condições que sustentam essas afirmações. É através de um exercício tradutório que isso se torna possível.

Das premissas dos Estudos Surdos às múltiplas leituras

O campo conhecido como Estudos Surdos, ao menos até o momento, não fomentou pesquisas que tratem da linguagem, da cultura e da ciência senão dentro das premissas estabelecidas pela Linguística das línguas de sinais e pela própria politização da pesquisa acadêmica envolvendo cultura, língua e tradução: o Sujeito, a Língua, a instrumentalização da tradução, etc., todas categorias aceitas como *a priori* dos Estudos Surdos. Logo, investe-se na ideia de que a potência dos limites epistemológicos, desde o ponto de vista da diferença, está justamente na maneira como se estabelecem como limites, diante do não formado, do indizível, do ilegível, que exemplificamos acima com uma descrição de sinais para o conceito de arte. A seguir, demonstramos brevemente como os Estudos Surdos se compõem como campo disciplinar e, a seguir, propostas de leitura e escrita que lidem com os efeitos da problematização das referidas categorias a partir do pensamento da diferença.

As pesquisas sobre surdez, língua de sinais e tradução e interpretação de língua de sinais vêm sendo desenvolvidas de maneira crescente desde a década de 60 do século passado. O marco inicial foi na Linguística, com Stokoe (1960), disciplina que, não sem controvérsias internas, tomou para si a defesa da língua de sinais no meio acadêmico. A partir do status proporcionado pela academia, com destaque para os pesquisadores

norte-americanos, a visibilidade social dos surdos ganhou respaldo científico, fato que vem gerando efeitos em muitos países, incluso o Brasil. De outro lado, com o maior respeito que os surdos passaram a receber, tendo direitos garantidos e amparos legais sendo criados a partir das demandas desse “novo” perfil de cidadão, as lutas políticas passaram a ser tematizadas também na academia. Com a presença de surdos na universidade, como alunos e posteriormente como professores, desperta-se para a importância de desenvolver estudos sobre a cultura dos surdos, seus modos de vida, suas relações com os ouvintes, a tradução e interpretação de língua de sinais e a educação de surdos. De maneira geral, pode-se dizer que tanto as pesquisas da Linguística quanto as de viés culturalista que tematizam a língua, a cultura e a tradução/interpretação de língua de sinais estão contidos na designação Estudos Surdos. Padden & Humphries (1988), Lane (1992) e Ladd (2013) são alguns dos autores que destacam as dinâmicas históricas que subjugarão os surdos ao mesmo tempo que propiciaram a formação de uma comunidade linguística e cultural singular.

A seguir, apresentamos dois procedimentos de composição transcriadora, a partir dos elementos conceituais dos Estudos Surdos. Cada viés corresponde a um modo de adentrar este universo teórico trazendo figuras, personagens e sintaxes que passam a funcionar no plano composicional da diferença conforme as necessidades inerentes à própria escrita.

Os espaços da tradução

O primeiro procedimento deve realizar uma composição ficcional utilizando figuras, aqui entendidas como “uma configuração incivil, impessoal, acrônica, de relações simbólicas” (BARTHES, 1992, p. 98). Isto é, não se trata de realizar uma narração alinhando vozes de personagens, mas as vozes se intercalam de maneira a produzir, em seus cruzamentos, figuras de uma narrativa distópica. A proposta é tomar um evento histórico documentado e consagrado na narrativa dos Estudos Surdos e transformá-lo em um novo recomeço, fazendo-o funcionar à luz de uma leitura contemporânea. Tal evento histórico é o Congresso de Milão. O Congresso de Milão de 1880 é um marco na educação de surdos e na própria história do povo surdo no Ocidente. O resultado deste congresso foram recomendações que dividiram os educadores de surdos entre Método Oralista e Método Sinalizado, sendo que o primeiro

defendeu o ensino da fala articulada aos surdos e o segundo, a valorização da língua de sinais. Os resultados de tal evento ocasionaram, nas comunidades surdas, efeitos negativos, transpassados de silêncios, opressões, subterrâneos cuja dilatação se rende ao informe da dispersão das línguas sinalizadas, já que os surdos não foram consultados sobre as deliberações e desde o princípio resistiram às imposições (INES, 2011).

A partir deste evento documentado, não há definições senão exteriores em relação aos surdos, conceituações, portanto, transcendentais em relação aos sujeitos que sofreram o que foi instituído a partir do congresso. Do ponto de vista dos surdos usuários das línguas de sinais no mundo inteiro, não há nem mesmo como falar da superioridade das línguas orais-auditivas em relação/sobrepondo-se às línguas de sinais, isso não foi realizado senão de maneira muito superficial, com afirmações eventuais baseadas em ideias patologizantes, e, não raro, de viés moral e religioso em relação aos surdos. Entretanto, é uma narrativa que não se pluralizou, não instituiu ordens nem teorizou sobre a suposta superioridade da língua oral, até porque aqueles que deliberaram pelo Método Oralista não tinham conhecimentos profundos em relação à língua de sinais senão de corpos tornados deficientes, numa relação de alteridade deficiente (SKLIAR, 1999).

Há, nesse sentido, a invenção de uma política, de um campo de disputa política sobre um corpo liso, corpo-surdo: porque o surdo é, segundo o entendimento dos oralistas, uma vicissitude da natureza e um hibridismo social. Ou seja, uma marca biológica, a surdez, condiciona o corpo surdo como instituição pública, aberta, que solicita uma cura, que deve ser descrito, sobre o qual se emitem pareceres. Vemos aí o início de um estriamento deste campo vazio (o corpo surdo) em função da proibição seguido de uma reordenação sob a máscara da benevolência (LANE, 1992).

A proposta de leitura deste congresso precisa reinventar sua origem, destituindo seu poder metafísico e sua sombra proibitiva em favor de uma recriação dos seus pressupostos sobre um terreno movente, o terreno da ficção. A ficção seria, portanto, a única maneira de reverter o medo da proibição em potência criadora. O viés artístico, científico e filosófico do sinalário (arquivo de sinais, experimental, que se opõe a um vocabulário limitado pelo léxico de uma comunidade linguística) tem exatamente esse sentido: reivindicar uma distância que lhe é de direito, fazendo-se outro numa língua estrangeira, oferecendo sua própria dispersão. Retraduzir os sinais para a língua portuguesa significa se apropriar dessa língua, inverter sua aparente totalidade,

mortificá-la, fazer ressoar uma voz do fundo intransponível de uma sintaxe gestual em cenas de escritura.

Então, o problema levantado pela reescritura do Congresso de Milão, senão inventado, possivelmente redescoberto, é o seguinte: como transcriar um passado sombrio, que se repete em pesquisas, em relatos, em políticas de educação de surdos, este que assusta surdos jovens e idosos? Ou melhor: onde, segundo quais regras, direções, ordenações, a virtualidade de uma narrativa sinalizada é tradutoriamente realizável? A resposta a essas questões deve passar por outra, ainda mais ampla: como e onde uma narrativa sinalizada se apresenta, nos nossos dias? Mesmo que não tenhamos como objetivo a reescrita da História nem efetuar um revisionismo, podemos dar um outro tratamento aos efeitos que decorrem dessas traduções. Um plano transcultural que não almeja nem sublimação nem brutalidade, mas um traçado atípico de composição, uma esteira paradoxal: um encontro, nem de colegas, nem de cidadãos, mas um encontro proporcionado pela escrita, que não espera encontrar tradutores ideais (nem surdos, nem ouvintes, portanto, longe de qualquer essencialismo) que os represente. Uma sinalização criadora, mesmo que traduzida à língua majoritária na sua forma escrita, aparecendo de maneira vaga, ponte para uma língua que sobrevive como híbrido e como purificação. A tradução se dará pela via didática, correlacionando figuras a determinar em cada época. E, conforme for o caso, um texto pode exigir a criação de um novo bloco tradutório, uma nova mescla, uma nova sinalização.

A cena escolar artista da língua de sinais

A segunda proposta de transcrição a ser descrita é composta por cenas, cenários, ensaios, gestos e linguagens, produzidos como romance, um conceito que Barthes (2005a; 2005b) define a partir do querer-escrever e desejo de escrever. Assim, o conceito, além de pertencer ao querer-ler-e-escrever, é afeito ao querer-pesquisar, querer-aprender, querer-educar, querer-extensionar por meio da educação (não como valor social, mas sim como uma ação de educar). Neste procedimento a construção é igualmente ficcional, porém releva o peso das unidades instituídas pelos Estudos Surdos e as transporta para um ambiente fantasiado, uma cena.

Nesta cena escolar, como fragmento de romance, como implosão da unidade consagrada como literatura, como destituição da consciência de um eu narrador, os

sinalizadores se encontram em salas, sentam em rodas, há conversa. E é aí que se pode retraduzir algumas outras marcas sobre o corpo surdo. A começar pela primazia da mão, que é suplantada, já que quem sinaliza é não somente a mão, mas o corpo sinalizador por inteiro.

Os romances são expressos de maneira biografemática em prol da Educação. Barthes (2005c) conceitua o biografema como disparador de imagens, gestos, fragmentos, cenas, pulsões e significações em meio à vida, à arte. Daqui escrevemos como operadores de linguagens não clássicas, não referenciais-sistemáticas, imprimimos significações últimas nos próprios sentidos biografemáticos. A escola que escreve com o corpo, sem hesitar quanto à legitimidade da língua de sinais, é descrita como espaço em que esta língua sempre ocupou, onde tudo que se pensa e escreve deve passar pelo seu registro.

Filosofias e suas significâncias múltiplas perpassam a forma biografemática, fantasiando uma naturalidade no uso da língua de sinais. Nessa produção de significação, conceitos estudados nunca estiveram forma do horizonte da escola, possuem, por isso, utilidade vital. A arte, a filosofia e a ciência estão comprometidas em Inventar, Criar, Manipular, Presenciar. Há um sentido de ataque, como uma guerra intelectual e artística, de traduzir e retraduzir modos-maneiras-perspectivas-formas-traços criativos envolvidos na educação. Os educadores-e-tradutores são imaginados como guerreiros, destacando o viés político que afeta uma educação em língua de sinais.

Tal escola sinalizadora age de maneira alegre, desconhece a tristeza ou o luto pela surdez. O surdo como sujeito e como pensante de sua língua é um assunto superado. As afirmações são outras, pois o direito à língua é algo já pressuposto. Ao mesmo tempo que a fabulação desta escola pode se parecer com uma idealização, logo, mero devaneio, é interessante notar que é apenas a língua de sinais que é tomada como pressuposto. Sendo assim, não se trata de uma idealização, mas de uma composição que descreve um universo em que a filosofia, a ciência e a arte são acessíveis, tanto ao conhecimento quanto à ignorância. É por meio de educações, plurais (nomes e verbos que agem em educação por meio de textos pensamentais-dialogais) que os personagens desta escola fabulada se reeducam.

Remetemos novamente à noção de arte, que Deleuze e Guattari (1992) definem como produto de sensação, afeção e criação. Somente num ambiente em que há mínima

relação de forças curriculares e didáticas é que as matérias do caos poderão ser recolhidas. Essa acessibilidade às forças caóticas é afirmada no procedimento tradutório como o acesso às matérias gestuais que dão consistência à língua de sinais. Promove-se, assim, experiências escritoras (as disposições ao ler e escrever, a didática que envolve escrita) e tradutórias de “ler-escrever em meio à vida” (CORAZZA, 2007), que se subjetivam e se objetivam em atualidade e em “constante desconstrução, reconstrução e problematização do lugar ocupado pelo “si mesmo” e das relações tecidas continuamente com o mundo das coisas” (ZORDAN, 2015, p.2).

Conclusão

A escola foi por muito tempo um lugar fácil de compreender, em seu fim e em seu fazer, com atividades mais largamente aceitas e naturalizadas no corpo social como a necessária formação do cidadão, ou seja, um ambiente, um campo, uma instância de produção e reprodução da sociedade. Mais ainda a educação de surdos, que, na esteira da inclusão como modo de vida contemporâneo ou como subjetividade inclusiva (MENEZES, 2010), foi e é ainda entendida como algo relacionado à caridade, à salvação dos surdos, e, em última instância, à sua transformação em ouvintes. Todos querem ir para a escola, todos defendem a escola e a inclusão. E aqueles que não a querem nem a defendem acabam, cedo ou tarde, enredados em seus liames. Pode-se ser diverso na forma de educar, mas é certo que em algum momento haverá coincidência entre um conteúdo cultural e um escolar, seja para refutar e ultrapassar uma sociedade, seja para orgulhar-se de seus limites e repudiar o outro.

Sob a insistência da definição da aula como o espaço preche do espírito pedagógico e colada nos rebordos da cultura, o que se propõe é uma reordenação do arquivo dos Estudos Surdos em direção a outras possibilidades, outras demandas, a partir do pensamento em língua de sinais. Um campo de experiência instável, descontínuo, granular, marcas de toda a região dos limites da cultura “para-fora”, que se transforma nas audácias artísticas-científicas-filosóficas, e que também padece sob a gravitação de um empirismo ingênuo: o novo pode ser um mero erro de cálculo, advento de uma fé cega no contemporâneo, pouco ou nada avaliável desde o centro de um agenciamento. Isso significa que tanto a patologização como a aculturação dos surdos possuem uma zona obscura, uma sobra inexplicável que não retorna à segurança

da identidade e da comunidade. Em seu pensar, em sua autoprodução criadora e alegre, o sinalizar-escrever demanda outras coisas, encontra outras forças e multiplica a linguagem.

Nossas evidências não são materialidades descartáveis, substituíveis. Exatamente pelo seu poder de dispersão, mesmo se tratando de historicidades alijadas no visível (no “chão”), cedo ou tarde a história tratará de varrer suas certezas, raspando o que já não se sustenta. Mas, até lá, o assombro da fragmentação ainda irá atormentar o educador-educador, e tudo ainda lhe parecerá dotado de um valor inquestionável, por isso, tratará de cuidar das evidências, irá transformar em valor tudo aquilo que as cercam, que as sugerem, o arconte e seu arquivo (DERRIDA, 2001). A evidência, o dado pré-científico, as hipóteses, os motivos, as crenças, a fé: não é que não existam outros arquivos, mas uma aparência geral da pesquisa-docência ainda é procurada, pois envolve aspectos muito valorados para além da mera sustentação científica. É à vida dos educadores que se referem os dados. Os mesmos valores que garantem a evidência científica, que afirmam a pesquisa-docência como esse pensar-fazer do qual nos ocupamos, cheios de rodeios, também garantem a sanidade, o sustento, o ânimo para sair da cama todas as manhãs.

Referências

BARTHES, Roland. **A preparação do romance I: da vida à obra**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance II: a obra como vontade**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Tradução: Mário Laranjeira. Revisão de tradução Andréa Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005c.

BARTHES, Roland. **S/Z**. Tradução: Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

CAMPOS, Haroldo de. **Transcrição**. Org. Marcelo Tápia e Thelma M. Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara. **Currículo e Didática da Tradução: vontade, criação e crítica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1313-1335, out./dez. 2016a.

CORAZZA, Sandra Mara. **Didática-artista da tradução: transcrições**. Mutatis Mutandis: Revista Latinoamericana de Traducción, 6(1), 185-200. Acessado em 14 de dezembro de 2016. <http://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/>, 2013.

- CORAZZA, Sandra Mara. **Ensaio sobre EIS AICE: proposição e estratégia para pesquisar em educação**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Educação; CNPq, 2014, 30 p. (No prelo.)
- CORAZZA, Sandra Mara. **Inventário de procedimentos didáticos de tradução: teoria, prática e método de pesquisa**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Educação. Texto digitado, 2016b.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Os Cantos de Fouror: escritura em filosofia-educação**. Porto Alegre: UFRGS, Sulina, 2007.
- COSTA, Luciano Bedin da. **Biografema como estratégia biográfica: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller**. Tese de doutorado. PPGEDU-UFRGS. Porto Alegre, 2010. 180f.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução: Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, Vol. 1**, Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia?** Tradução: Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muniz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução: Miriam Shneiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução: Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- INES. **Atas do Congresso de Milão de 1880**. Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos. v.2. Rio de Janeiro: INES, 2011.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2007. 24ª ed.
- LADD, Paddy. **Em busca da surdidade 1: Colonização dos Surdos**. Lisboa, Editora: Surd'Universo, 2013.
- LANE, Harlan. **A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- MENEZES, Eliana da C. P. **A fabricação de subjetividades inclusivas: efeitos da aliança entre a racionalidade política neoliberal e a escola**. Anais do XI Simpósio Internacional IHU — O (des)governo biopolítico da vida humana, São Leopoldo: UNISINOS, 2010.
- OLIVEIRA, Marcos da Rocha. **Biografemática do Homo Quotidianus: o senhor educador**. Dissertação de mestrado. PPGEDU-UFRGS. Porto Alegre, 2010. 163f.
- PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in América – Voices from a Culture**. Cambridge: Harvard University Press. 1988.
- PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **História cultural dos surdos: desafio contemporâneo**. Educ. rev. no.spe-2. Curitiba, 2014. Acessado em 10/02/2017 em: <http://ref.scielo.org/6sfygb>.

QUADROS, Ronice Muller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC; SEESP; Programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos, 2003.

SKLIAR, Carlos. **A invenção e a exclusão da alteridade "deficiente" a partir dos significados da normalidade**. Educação e Realidade. Jul./dez 1999.

STOKOE, William. **Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language**. Listok Press, Silver Spring, MD, 1960.

ZORDAN, Paola; CUNHA, Gabriel Torelli Fraga Corrêa da. **O (Não) Lugar Do Educador Contemporâneo: Subjetivação, Exterioridade E Linguagem**. In: II Seminário Internacional de Filosofia, Poética e Educação, 2015, Juiz de Fora/MG. Habitar poeticamente a Educação, 2015. Disponível em: <https://sifpe.files.wordpress.com/2015/10/paola-zordan-gabriel-torelly-fraga-corr3aaa-da-cunha-o-nc3a3o-lugar-do-educador-contermporc3a2neo-subjetivac3a7c3a3o-exterioridade-e-linguagem.pdf>. Acesso em 20 fev. 2017.